

**A APLICAÇÃO TERAPÊUTICA DA MÚSICA
NO TRATAMENTO DE PESSOAS COM IMPLANTE COCLEAR (IC):
UMA REVISÃO SISTEMÁTICA**

**THE THERAPEUTIC APPLICATION OF MUSIC
IN THE TREATMENT OF THE PERSON WITH COCHLEAR IMPLANT (CI):
A SYSTEMATIC REVIEW**

André Brandalise¹

7

Resumo - O objetivo deste estudo foi o de oferecer uma síntese da literatura acerca das intervenções terapêuticas com música, realizadas por musicoterapeutas e por outros profissionais da saúde, com pessoas com implante coclear (IC). Uma revisão sistemática da literatura foi conduzida e demonstrou que a reabilitação com a intervenção terapêutica da música possui o potencial de contribuir no (re)estabelecimento das cinco etapas do desenvolvimento auditivo: detecção, discriminação, identificação, reconhecimento e compreensão. Este processo pode garantir à pessoa implantada uma melhor integração física e emocional no mundo e, conseqüentemente, uma melhor qualidade de vida..

Palavras-Chave: música, musicoterapia, implante coclear (IC).

Abstract - The aim of this review is to provide a synthesis of the literature on music intervention, done by music therapists and by professionals from other health areas, for people with cochlear implant (CI). A systematic review of the literature was conducted and showed that music has the potential to facilitate the rehabilitation of the five hearing developmental stages: awareness, discrimination, identification, acknowledgement, and comprehension. This process can guarantee to the person with cochlear implant (CI) a better physical and emotional integration in the world and, consequently, a better quality of life..

Keywords: music, music therapy, cochlear implant (CI).

¹ Bacharel em música (UFRGS, RS), especialista em musicoterapia (CBM-RJ) e mestre em musicoterapia (NYU, EUA). Atualmente cursa o programa de PhD em musicoterapia da Temple University (EUA) onde foi bolsista por dois anos, como professor-assistente, exercendo as funções de professor e supervisor. Brandalise é diretor-fundador do Centro Gaúcho de Musicoterapia (POA, RS) e um dos sócios-fundadores do Instituto de Criatividade e Desenvolvimento (ICD). É autor dos livros "Musicoterapia Músico-centrada" (2001) e "I Jornada Brasileira sobre Musicoterapia Músico-centrada" (2003).

Introdução

Música é extremamente presente na rotina auditiva cotidiana. A pessoa incapacitada de ouvir lida com desafios. Entre eles, o do isolamento e o da perda de parte dos prazeres que a audição oferece (i.e., conversas, sons da natureza, sons dos ambientes, música etc.). Atualmente, centros especializados oferecem tratamentos que envolvem a avaliação da condição, o tipo necessário de cirurgia e a reabilitação ao sujeito com perda auditiva profunda. Uma das alternativas para a pessoa nesta condição é o chamado implante coclear.

Desde a década de sessenta indivíduos com surdez profunda passaram a ter a possibilidade de obter sensações de som através de estimulação elétrica direcionada aos neurônios cocleares sobreviventes (GFELLER e LANSING, 1992). Diferentemente dos aparelhos de audição, que essencialmente amplificam os sons, através do implante coclear a pessoa passa a ser capaz de, a partir de um dispositivo, captar o som e transformá-lo em sinal elétrico que pode ser interpretado pelo cérebro como um sinal sonoro (GFELLER, 2000). O implante é composto por duas peças: uma interna, que é colocada na cóclea mediante um processo cirúrgico, e outra externa, afixada na cabeça do usuário. A pessoa com implante coclear (IC) pode desenvolver a habilidade de entender conversas normalmente, taxa que pode chegar a 70%-80% das frases em ambientes com pouco ruído. No entanto, ainda apresentam limitações tais como o uso do telefone, discriminação oral em contextos ruidosos e percepção musical. Em razão disto, podem perder o interesse pela música e, conseqüentemente, perder qualidade de vida. Segundo Gfeller (2001), um processo de reabilitação tem como objetivo básico a restauração de habilidades ou o apoio e estímulo para que o indivíduo possa compensar habilidades que supram aquelas que não possam ser totalmente reabilitadas.

De acordo com a Comisión Española de AudioFonología (*apud* QUIQUE, 2013), a maior parte dos programas, que foca habilitação-reabilitação, funciona baseada na estimulação das cinco etapas de

desenvolvimento auditivo: detecção, discriminação, identificação, reconhecimento e compreensão. A detecção diz respeito à habilidade de perceber a existência ou ausência de um som; a discriminação está relacionada com a capacidade de catalogar os estímulos sonoros como iguais ou diferentes; a identificação diz respeito ao reconhecimento auditivo de um estímulo sonoro entre um número de opções; o reconhecimento é a capacidade de identificar algo verbalizado com o auxílio de certo contexto (i.e., responder a um pedido) e a compreensão que é a habilidade que permite a construção do significado das palavras e a decodificação das mensagens (i.e., capacidade de reconhecer algo verbalizado sem o auxílio e a participação em uma conversa).

Aparentemente, após a percepção da fala, a apreciação musical é a segunda maior demanda por aquele que realiza implante coclear (HODKINSON, 2012; BESOUW, NICHOLLS, OLIVER, HODKINSON, GRASMEDER, 2014). Uma pesquisa realizada na Universidade de Iowa indicou que 75% das pessoas com IC disseram que apreciavam música antes da perda auditiva (GFELLER, CHRIST, KNUTSON, WITT, MEHR, 2003). Porém, Looi e She (2010) confirmam que pessoas adultas implantadas geralmente relatam perder o prazer em se relacionar com música uma vez que não adquirem acuidade perceptiva devido às limitações técnicas do implante em transmitir importantes elementos estruturais da música. Em função deste fato, alguns autores propõem justamente a implantação de treinamento musical destinado a crianças e adultos implantados bem como a familiares (LOOI e SHE, 2010; KOSANER, KILINC, DENIZ, 2012). O treinamento especializado e sistemático pode vir a auxiliá-los a melhorar a acuidade perceptiva e, conseqüentemente, qualidade de vida. No sentido de identificar as propostas de aplicação da música e da musicoterapia bem como de conhecer a maneira e os objetivos das aplicações com a pessoa implantada (IC), uma revisão sistemática da literatura foi conduzida.

Os objetivos desta revisão foram:

1. identificar trabalhos clínicos e de pesquisa aplicando musicoterapia com pessoas com implante coclear (IC).
2. examinar como a música e a musicoterapia têm sido aplicada no tratamento desta população. Verificar métodos de musicoterapia e tipos de intervenção sendo utilizados com esta população (ativa, re-criativa e receptiva).
3. verificar os resultados obtidos a partir da intervenção da música e da musicoterapia com a pessoa com IC.

Método

Uma revisão da literatura foi conduzida utilizando as bases de dados MEDLINE e CINAHL com a utilização dos descritores 'music therapy', 'music' e 'cochlear implant'. Foram somente utilizados descritores em inglês. Uma busca eletrônica foi conduzida aos periódicos especializados em musicoterapia:

1. *Journal of Music Therapy* (AMTA, 1964 até o presente)
2. *Nordic Journal of Music Therapy* (2000 até o presente)
3. *Music Therapy Perspectives* (de 1982 a 2008)
4. *The Arts in Psychotherapy* (1980 até o presente)
5. *Music Therapy* (de 1981 a 1996)
6. *Voices* (1991 até o presente)

Com o esforço de identificar estudos publicados e não detectados nas buscas eletrônica e manual, estudos não publicados e em andamento, contatos foram feitos com *experts* em musicoterapia no Brasil, Argentina, Chile, Colômbia e Uruguai. Uma busca manual foi conduzida à Revista Brasileira de Musicoterapia (de 1996 até o presente).

Associações de musicoterapia brasileiras foram consultadas no sentido de auxiliar a possível identificação de praticantes de musicoterapia com esta população bem como de publicações em anais de congressos. Estudos foram aceitos em inglês, português, espanhol e francês.

Resultados

Quinze estudos foram incluídos na revisão em forma de artigo, examinados na íntegra, e analisados. Foram reportados entre os anos de 1992 e 2014 e publicados em formato de artigo. Foram conduzidos em diversos países: Estados Unidos (5 estudos), Brasil (2 estudos), Chipre (1 estudo), Inglaterra (1 estudo), Turquia (1 estudo), Taiwan (1 estudo), Irã (1 estudo), Nova Zelândia (1 estudo), Austrália (1 estudo) e Espanha (1 estudo). Apresentaram variação em termos de intervenção clínica (heterogeneidade clínica).

11

Crítérios de inclusão

Foram incluídos para análise artigos que apresentaram pesquisa ou relato clínico acerca da utilização da música no tratamento de pessoas com implante coclear. Foram aceitos trabalhos que apresentaram intervenção musical tendo sido realizada por profissionais musicoterapeutas e/ou por outros profissionais da saúde. Todo tipo de intervenção musical foi incluída e analisada.

Efeitos da intervenção

Desde meados da década de 70 a musicoterapia vem dedicando-se a questões relacionadas ao déficit auditivo e desde o início da década de 90 tem contribuído com o debate sobre a reabilitação com a pessoa com implante coclear. Os resultados que vêm sendo alcançados são positivos e diversificados (Tabela 1). Destaca-se a melhora na acuidade no reconhecimento de melodias associadas a letras (HSIAO, 2008; YENNARI, 2010, PEREIRA e CHAVES, 2013), melhora na fala (DASTGHEIB, RIYASSY, ANVARI, NIKNEZHAD, HOSEINI, RAJATI, GHASEMI, 2013), impacto na maneira de cantar (SCHRAER-JOINER e CHEN-HAFTECK, 2009), melhora na

percepção de altura das notas (CHEN, CHUANG, Mc MAHON, HSIEH, TUNG, LI, 2010; MORITZ, 2004), melhora na percepção da duração das notas (MORITZ, 2004); maior envolvimento com o canto (YENNARI, 2010), aumento no prazer na interação com música (KOSANER et al., 2012), melhora na interação social (YENNARI, 2010; PEREIRA e CHAVES, 2013), melhora na adesão aos tratamentos (PEREIRA e CHAVES, 2013).

Tipos de som e música utilizados (Tabela 1)

Sete estudos relataram a utilização de canções infantis e de familiaridade dos pacientes (STORDAHL, 1992; HSIAO, 2008; LASSALETTA et al., 2008; YENNARI, 2010; KOSANER et al., 2012; DASTGHEIB et al., 2013; PEREIRA e CHAVES, 2013), quatro estudos propuseram a utilização de instrumentos musicais estimulando a percepção de timbre (MORITZ, 2004; LASSALETTA, 2008; CHEN et al., 2010; KOSANER et al., 2012), três estudos propuseram a utilização de atividades rítmicas corporais (MORITZ, 2004; SCHRAER-JOINER e CHEN-HAFTECK, 2009; DASTGHEIB et al., 2013), um estudo reportou a criação de histórias musicais (SCHRAER-JOINER e CHEN-HAFTECK, 2009) e um estudo propôs a utilização de sons computadorizados (GFELLER et al., 2003). Três estudos propuseram a utilização de improvisação musical (MORITZ, 2004; SCHRAER-JOINER e CHEN-HAFTECK, 2009; PEREIRA e CHAVES, 2013).

Tabela 1 *Estudos Avaliando a Utilização da Música com Pessoas com Implante Coclear*

| Autor(es) | Profissionais Envolvidos | Objetivo do estudo e participantes | Música Utilizada | Resultado |
|-------------------------------|---------------------------------|---|----------------------------|--|
| Gfeller e Lansing (EUA, 1992) | Musicoterapeuta e fonoaudióloga | Avaliação do Primary Measures of Music Audition (PMMA) como teste de percepção para adultos com implante coclear (IC) N = 34 | Padrões rítmicos e tonais. | Participantes tiveram maior acuidade perceptiva em relação aos padrões rítmicos do que aos tonais. |

| | | | | |
|-------------------------------|--|--|---|---|
| Stordahl (EUA, 2002) | Musicoterapeuta | <p>Comparação sobre a percepção e a apreciação da canção por crianças com IC e por crianças de audição normal.</p> <p>N = 15 crianças IC N = 32 crianças AN²</p> | Peças musicais eruditas e canções. | As crianças implantadas demonstraram menor capacidade de perceber canções dos que as de audição normal. Também demonstraram menor interesse no que diz respeito à apreciação das canções. |
| Gfeller et al. (EUA, 2003) | Equipe multidisciplinar envolvendo musicoterapeuta | <p>Desenvolvimento de um teste de percepção de canções para adultos com IC (em comparação com grupo de pessoas de audição normal)</p> <p>N = 36 adultos IC N = 66 adultos AN</p> | Sons computadorizados. | Usuários de implante coclear consideraram 2 de 3 estilos musicais (country, pop) como sendo mais complexos do que consideraram os participantes de audição normal. |
| Moritz (Brasil, 2004) | Musicoterapeuta | Caso clínico (Margarida) | Exploração dos parâmetros musicais, exploração tátil, atividades rítmicas corporais, improvisação musical e re-criação musical. | Margarida percebeu apresentou maior facilidade em perceber a duração das notas. Após, percebe intensidade e, por fim, altura e timbre. A percepção da duração foi facilitada através do uso da flauta doce. |
| Hsiao (EUA, 2008) | Musicoterapeuta | <p>Verificar a habilidade de crianças implantadas, que falam mandarim, em reconhecer melodias familiares.</p> <p>N = 40 Idade: 7-15</p> | Canções infantis típicas em mandarim e canções ocidentais traduzidas para o mandarim. | Os indivíduos com implante apresentaram melhor acuidade no reconhecimento de melodias quando a letra da canção foi também apresentada. Sua |

² AN = Audição normal.

| | | | | |
|---|------------------|--|--|---|
| | | | | pontuação foi significativamente menor quando as melodias contiveram somente altura. |
| Lassaletta et al. (Espanha, 2008) | Não especificado | Avaliar a percepção musical e o prazer musical após implante coclear e seu impacto na qualidade de vida. N = 88 adults Idade: + 18 | Audição de sons de instrumentos musicais e audição de canções populares. | O prazer subjetivo da audição musical diminuiu em comparação com a prática antes da surdez. |
| Schraer-Joiner e Chen-Hafteck (EUA, 2009) | Não especificado | Investigar experiências musicais de pré-escolares com implante coclear. N = 4 Idade: 4 | Utilização de canto, de criação, de uso do corpo e de histórias musicais. | Houve ampla resposta musical. A experiência do implante coclear demonstrou impacto no canto dos participantes. |
| Chen et al. (Taiwan, 2010) | Médicos | Investigar se prévia educação musical melhora a habilidade de percepção de altura em crianças implantadas. N = 27 | Audição de duas alturas executadas ao piano entre Dó (256 Hz) e Si (495). Hz). Testou-se a percepção do mais alto e do mais baixo. | A percepção de alturas foi positivamente relacionada com o tempo de educação musical do participante. A percepção das alturas foi melhor em crianças implantadas com idade superior a 6 anos. |
| Looi e She (Nova Zelândia, 2010) | Não especificado | Objetiva desenvolver um programa de treinamento musical (music training program – MTP). N = 100 adultos | Aplicação de questionário. | Audição musical pode ser melhorada de acordo com o ambiente e de acordo com a seleção musical. |
| Yennari (Chipre, 2010) | Não especificado | Investigar a relação de crianças pré-verbais com implante coclear com a interação | Utilização de atividades de canto. | Estimulou a criança a perceber o outro, a demonstrar preferências por materiais sonoros, |

| | | | | |
|----------------------------------|------------------------------------|--|---|---|
| | | com o canto e a canção. | | a reproduzir aspectos estruturais da canção, a envolver-se física e emocionalmente com o canto. |
| Kosaner et al. (Turquia, 2012) | Não especificado | Objetiva desenvolver um programa de treinamento musical direcionado a crianças implantadas com idade pré-escolar e familiares. N = 25 crianças | Aplicação de atividades musicais. Seções de canto, reconhecimento de canções, timbres bem como verificação de respostas a músicas e ritmos. | As médias aumentaram nos 3 grupos estudados. Participação e prazer nas atividades musicais também obtiveram aumento tanto com crianças como com pais. |
| Dastgheib et al. (Irã, 2013) | Neurocientista, médico e linguista | Aplicação de programa de treinamento musical. | Proposta de audição musical, canto, movimentos rítmicos e utilização de instrumentos musicais. | Música pôde compensar o <i>delay</i> da fala na criança implantada. |
| Pereira e Chaves (Brasil, 2013) | Musicoterapeuta e Fonoaudióloga | Objetiva desenvolver habilidades auditivas. N = 6 crianças | Canto de canções infantis aliado à repetição das habilidades fonológicas (i.e., oi, tchau), audição musical, improvisação. | Os grupos têm alcançado habilidades auditivas, maior interação social, melhora na vocalização, maior precisão na tentativa de articulação, melhora na atenção auditiva e aumento da motivação para participar da terapia. |
| Besouw et al. (Inglaterra, 2014) | Não especificado | Aplicação de workshops para 1) verificar o que participantes podiam identificar e apreciar durante a audição; 2) ativar a percepção de estratégias de escuta, tecnologia e fontes de reabilitação para a música e 3) | Audição em grupo e atividades práticas | Dados comparativos entre antes e depois de participação em workshops sugerem mudanças em hábitos de apreciação musical. |

| | | | | |
|-----------------------------------|------------------|--|---|--|
| | | desenvolvimento de ideias para a inclusão em programas de reabilitação musical. | | |
| | | $N = 5$ adultos com IC, como consultores e $N = 28$ participantes. | | |
| Schubert et al. (Australia, 2014) | Não especificado | Investigar se a música escrita especialmente para pessoas implantadas (ICs) pode ser utilizada para demonstrar como a audição musical é diferente para a pessoa com de habilidades normais de audição (ANs). | Participação em um concerto especialmente organizado para a pesquisa. Consistiu na execução de seis peças musicais com duração de aproximadamente 10 minutos cada. Compositores desenvolveram as composições juntamente com cientistas. | O ritmo foi apreciado tanto pelos CIs quanto pelos ANs. Instrumentos de percussão foram a preferência dos CIs. |

Tipos de métodos musicoterapêuticos utilizados (Tabela 2)

No tratamento de pessoas com implante coclear (IC) parece haver um certo equilíbrio entre a utilização das várias experiências musicoterapêuticas através da utilização dos métodos receptivo (i.e., audição de música produzida ou gravada e audição de sons não musicais), re-criativo (utilização de material musical previamente composto) e de improvisação musical e composição, ou seja, criação de material musical inédito a partir da experiência criativa em processo musicoterapêutico. A terminologia utilizada pelo autor deste artigo, que faz referência a experiências e a métodos musicoterapêuticos, tem como influência a que é proposta por Bruscia (1998). Cinco estudos reportaram a utilização terapêutica de música de forma receptiva (STORDAHL, 2002; GFELLER et al., 2003; HSIAO, 2008; LASSALETTA et al., 2008; CHEN et al., 2010), dois estudos utilizaram tanto abordagem receptiva quanto de

improvisação (KOSANER et al., 2012; DASTGHEIB et al., 2013) e, por fim, três estudos utilizaram abordagens receptivas, re-criativas e de improvisação (SCHRAER-JOINER e CHEN-HAFTECK, 2009; YENNARI, 2010; PEREIRA e CHAVES, 2013; BESOUW et al., 2014).

Tabela 2 *Tipos de Intervenção Musical e de Métodos Musicoterapêuticos Utilizados*³

| Autor(es) | Tipo de Intervenção musical | Utilização de método musicoterapêutico |
|---|---|--|
| Gfeller e Lansing (EUA, 1992) | Padrões rítmicos e tonais. | Receptivo |
| Stordahl (EUA, 2002) | Utilização de peças musicais eruditas e canções. | Receptivo |
| Gfeller et al. (EUA, 2003) | Sons computadorizados. | Receptivo |
| Moritz (Brasil, 2004) | Exploração dos parâmetros musicais, exploração tátil, atividades rítmicas corporais, improvisação musical e re-criação musical. | Re-criativo, Receptivo e de improvisação |
| Hsiao (EUA, 2008) | Utilização de contornos melódicos de canções infantis mandarins e ocidentais traduzidas. | Receptivo |
| Lassaletta et al. (Espanha, 2008) | Utilização de sons de instrumentos musicais e de canções populares. | Receptivo |
| Schraer-Joiner e Chen-Hafteck (EUA, 2009) | Utilização de canto, de criação, de uso do copo e de histórias musicais. | Re-criativo, Receptivo e de improvisação |
| Chen et al. (Taiwan, 2010) | Utilização de alturas executadas ao piano entre Dó (256 Hz) e Si (495 Hz). Testou-se a percepção do mais alto e do mais baixo. | Receptivo |
| Yennari (Chipre, 2010) | Utilização de atividades de canto e de percepção. | Re-criativo, receptivo e de improvisação |

³ Alguns estudos incluídos na revisão não fizeram parte desta tabela por não proporem intervenção musical (Looi; She, 2010; Schubert et al., 2014).

| | | |
|-------------------------------------|--|---|
| Kosaner et al. (Turquia, 2012) | Utilização de canto e testagem de percepção. | Receptivo e de improvisação |
| Dastgheib et al. (Irã, 2013) | Utilização de canto e testagem de percepção. | Receptivo e de improvisação |
| Pereira e Chaves (Brasil, 2013) | Canto de canções infantis aliado à repetição das habilidades fonológicas (i.e., oi, tchau), audição musical, improvisação. | Re-criativo, Receptivo e de improvisação |
| Besouw et al. (Inglaterra, 2014) | Proposta de workshops envolvendo audição e fazer musical. | Re-criativo, Receptivo e de improvisação |

Discussão

Música é um fenômeno organizado através do relacionamento entre três estruturas: ritmo, melodia e harmonia. No entanto, não necessariamente estas três estruturas precisam estar presentes para que um fenômeno sonoro seja entendido como música. Por exemplo, há peças musicais que podem ser compostas somente através da utilização de padrões rítmicos. Música pode ser também composta através da utilização de sequência de notas somente, sem a presença de progressão harmônica. Em adição às estruturas mencionadas acima (ritmo, melodia e harmonia), em uma peça musical, há que se incluir os chamados parâmetros. Parâmetros são: altura (mais agudo - mais grave), intensidade (forte - fraco), duração (o tempo de cada nota e de cada pausa na composição) e timbre (a qualidade de cada som).

De acordo com os dados coletados, a pessoa com implante coclear apresenta dificuldade na percepção de estruturas e padrões musicais isolados, por exemplo, reportam dificuldades em perceber sons de instrumentos musicais. Esta dificuldade tem a ver com uma não acuidade na discriminação timbrística (o timbre, ou qualidade do som, diferencia um instrumento de outro, uma voz de outra). Reportam também terem dificuldade em reconhecer melodias, mesmo de canções familiares. Musicalmente falando, esta é uma dificuldade para a identificação da altura de cada nota e de intervalos em uma

sequência, o que caracteriza uma melodia. Porém, quando a letra da canção é incorporada à melodia, pessoas implantadas reportam perceberem o tema musical com maior facilidade.

Isto é intrigante e parece ser campo bastante importante para a inserção do profissional musicoterapeuta. A partir deste estudo, conclui-se que música vem sendo utilizada terapeuticamente e valorizada no trabalho com esta população. Há trabalhos de habilitação-reabilitação e pesquisa sendo desenvolvidos em praticamente todas as regiões do mundo. No entanto, vários autores não especificam suas formações o que torna difícil o reconhecimento preciso das áreas profissionais que estiveram envolvidas em determinados trabalhos analisados. Aparentemente, ainda não há um número significativo de profissional musicoterapeuta envolvido no trabalho clínico e de pesquisa com esta população, fato que é confirmado por Quique (2013). Esta autora afirma que geralmente as equipes de tratamento multidisciplinar que trabalham com pessoas com implante coclear são compostas por otorrinolaringologia, audiologia, psicologia, terapia ocupacional e fonoaudiologia. No entanto, entende que a musicoterapia pode ser uma importante modalidade a integrar-se nestas equipes.

Propõe que o profissional musicoterapeuta:

- estabeleça expectativas realistas de escuta;
- ajude para que os usuários selecionem exemplos musicais que sejam mais acessíveis para quem é implantado. Por exemplo, através da utilização de letras de canções;
- realize trabalho em ambientes apropriados, sem muito ruído;
- trabalhe a repetição da audição. Esta ação auxilia o usuário na habilidade do reconhecimento;
- utilize contexto para que o som tenha sentido (i.e., observar lábios de quem canta, seguir letra da canção);

- proponha sons diferentes.

Apesar de a musicoterapia não estar presente em todas as equipes multidisciplinares que dedicam trabalho à esta população, dois centros de destaque na pesquisa e no tratamento de pessoas implantadas com música possuem musicoterapeutas em seus quadros. Um deles é o grupo da Universidade de Southhamptom⁴ do qual a musicoterapeuta Sarah Hodgkinson é integrante. Hodgkinson é uma das profissionais responsáveis pelo projeto intitulado *Compositions for Cochlear Implants* (composições para implantes cocleares). Este projeto propõe uma série de workshops explorando aspectos da música que podem ser apreciadas pelos usuários de IC. Através do processo de composição musical, os pacientes e os pesquisadores visam melhor conhecer aqueles estilos e estruturas musicais que podem ser percebidas e apreciadas através do IC. O outro importante centro de destaque é o Departamento de otorrinolaringologia da Universidade de Iowa, EUA. Kate Gfeller⁵ é a musicoterapeuta membro do *Iowa Cochlear Implant Team* (equipe de implante coclear) e investiga a percepção e o prazer musical do usuário de IC. No Brasil, foram identificados dois trabalhos de musicoterapia direcionados à esta população (MORITZ, 2004; PEREIRA e CHAVES, 2013).

Dos quinze estudos incluídos e analisados sete tiveram a participação de profissionais musicoterapeutas (GFELLER e LANSING, 1992; STORDAHL, 2002; MORITZ, 2004; GFELLER et al., 2003; HSIAO, 2008; PEREIRA e CHAVES, 2013; BESOUW et al., 2014). Detectou-se um equilíbrio em termos de métodos musicoterapêuticos utilizados (receptivo, re-criativo e de improvisação e composição). Com a população de pessoas com implante coclear, parece haver uma valorização da capacidade de produção sonora do paciente. Vários projetos propõem participação ativa do paciente em seu processo de reabilitação. Porém, ainda é significativo o número de projetos que visam somente abordagem receptiva. Uma possível razão para isso pode ser o fato de profissionais não musicoterapeutas estarem aplicando a música como

⁴ <http://www.southampton.ac.uk/mfg/>.

⁵ <http://music.uiowa.edu/people/kate-gfeller>.

um recurso em sua especialidade. Além da falta de treinamento específico em musicoterapia talvez o profissional não musicoterapeuta careça de conhecimentos e habilidades musicais fazendo com que sua abrangência de intervenção musical e metodológica seja limitada. Outra possível razão para se ter foco em abordagem somente receptiva com a pessoa com IC é a crença de que devido à limitação auditiva do paciente o fazer musical seja comprometido. Outros profissionais talvez entendam o processo de reabilitação como sendo uma dinâmica onde o paciente está em uma condição prioritariamente receptiva. O profissional musicoterapeuta usualmente abrange todas as abordagens de intervenção (receptiva, re-criativa e de improvisação e composição).

Vários estudos propõem o que chamam de treinamento musical e visam habilitar ou reabilitar aspectos do desenvolvimento auditivo da pessoa com IC (LOOI e SHE, 2010; KOSANER et al., 2012; DASTGHEIB et al., 2013; BESOUW et al., 2014). Somente um estudo demonstrou uma maior preocupação com o envolvimento emocional durante relação com o canto (YENNARI, 2014).

Há indivíduos demandando habilitação-reabilitação de suas capacidades de se integrarem com música. Na escuta, de um lado, um sistema de saúde que ainda não integrou o profissional musicoterapeuta em suas equipes multidisciplinares. De outro, musicoterapeutas e instituições de ensino da musicoterapia que talvez ainda desconheçam esta importante demanda e esta significativa contribuição que a música e a musicoterapia podem promover visando a melhora na qualidade de vida destas pessoas. Segundo este estudo, a música é capaz de auxiliar a inclusão destes indivíduos bem como contribuir para que alcancem maior prazer e bem estar. Fica a esperança de que os profissionais e instituições da saúde atentem para o potencial da música e da musicoterapia e que os musicoterapeutas percebam e se preparem para acolher esta tão rica demanda humana por música e criatividade.

MUSICOTERAPIA

Referências

BESOUW, Rachel M.; NICHOLLS, David R.; OLIVER, Benjamin R.; HODKINSON, Sarah M.; GRASMEDER, Mary L. **Aural Rehabilitation through music workshops for cochlear implant users.** Journal of American Academy of Audiology, 25, 311-323, 2014.

BRUSCIA, Kenneth E. **Defining music therapy.** Gilsum, NH: Barcelona Publishers, 1998, 299p.

CHEN, Joshua K.; CHUANG, Ann Y. C.; Mc MAHON, Catherine; HSIEH, Jen-Chuen; TUNG, Tao-Hsin; LI, Lieber P. **Music training improves pitch perception in prelingually deafened children with cochlear implants.** Pediatrics. 125(4), 793-800, 2010.

DASTGHEIB, Samaneh S.; RIYASSY, Mina; ANVARI, Maryam; NIKNEZHAD, Hamid T.; HOSEINI, Masumeh; RAJATI, Mohsen; GHASEMI, Mohammad M. **Music training program: A method based on language development and principles of neuroscience to optimize speech and language skills in hearing-impaired children.** Iranian Journal of Otorhinolaryngology, 25(2), 91-97, 2013

GFELLER, Kate; LANSING, Charissa. **Musical perception of cochlear implant users as measured by the Primary Measures of Music Audiation: an item analysis.** Journal of Music Therapy, 29(1), 18-39, 1992.

GFELLER, Kate. **Accommodating children who use cochlear implants in music therapy or educational settings.** Music Therapy Perspectives, 18(2), 122-130, 2000.

GFELLER, Kate. **Aural rehabilitation of music listening for adult cochlear implant recipients: addressing learner characteristics.** Music Therapy Perspectives, 19(2), 88-95, 2001.

GFELLER, Kate; CHRIST, Aaron; KNUTSON, John; WITT, Shelley; MEHR, Maureen. **The effects of familiarity and complexity on appraisal of complex songs by cochlear implant recipients and normal hearing adults.** Journal of Music Therapy, 40(2), 78-112, 2003.

KOSANER, Julie; KILINC Aynur; DENIZ, Murat. **Developing a music programme for preschool children with cochlear implant.** Cochlear Implants International, 13(4), 237-247, 2012.

HODKINSON, S. **Music (re)habilitation for cochlear implantees: The role of the community music therapist.** Proceedings of Actes Congrès. Montreal, 2012.

HSIAO, F. **Mandarin melody recognition by pediatric cochlear implant recipients.** Journal of Music Therapy, 45(4), 390-404, 2008.

LASSALETTA, Luis; CASTRO, Alejandro; BASTARRICA, Marta; PÉREZ-MORA, Rosa; HERRÁN, Belén; SANZ, Lorena; JOSEFA de SARRIÁ, M.; GAVILÁN, Javier. **Musical perception and enjoyment in post-lingual patients with cochlear implant.** Acta Otorrinolaringológica Espanhola, 59(5), 228-234, 2008.

LOOI, Valerie; SHE, Jennifer. **Music perception of cochlear implant users: A questionnaire, and its implications for a music training program.** International Journal of Audiology, 49, 116-128, 2010.

MORITZ, Miriam. **Trilhando caminhos para uma nova escuta: a musicoterapia e o usuário de implante coclear.** Ponto de Vista, 6, 115-128, 2004.

PEREIRA, Gláucia Tomaz Marques; CHAVES, Larissa Aparecida Teixeira. **A música como agente facilitador no processo da reabilitação auditiva: transdisciplinaridade entre musicoterapia e fonoaudiologia.** Anais do XXIII Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música. Natal, 2013.

QUIQUE, Yina. **Métodos unisensoriales para la rehabilitación de la persona con implante coclear y métodos musicoterapéuticos como nueva herramienta de intervención.** Revista de Otorrinolaringología y Cirugía de Cabeza y Cuello, 73, 94-108, 2013.

MUSICOTERAPIA

SCHRAER-JOINER, Lyn E.; CHEN-HAFTECK, Lily. **The responses of preschoolers with cochlear implants to musical activities: a multiple case study.** Early Child Development and Care, 179(6), 785-798, 2009.

SCHUBERT, Emery; MAROZEAU, Jeremy; STEVENS, Catherine J.; INNES-BROWN, Hamish. **Like pots and pans falling down the stairs: Experience of music composed for listeners with cochlear implants in a live concert setting.** Journal of New Music Research, 43(2), 237-249, 2014.

STORDAHL, Julie. **Song recognition and appraisal: a comparison of children who use cochlear implants and normally hearing children.** Journal of Music Therapy, 39(1), 2-19.

YENNARI, Maria. **Beginnings of song in young deaf children using cochlear implants: The song they move, the song they feel, the song they share.** Music Education Research, 12(3), 281-297, 2010.

Recebido em 29/03/2015
Aprovado em 07/06/2015